

HISTÓRIA E LITERATURA: OS MEMORIALISTAS EM POUSO ALEGRE/MG

 10.5935/2177-6644.20220030

HISTORY AND LITERATURE:
MEMORIALISTS IN POUSO ALEGRE/MG

HISTORIA Y LITERATURA:
MEMORIALISTAS EN POUSO ALEGRE/MG

Giovane Silva Balbino *

 <https://orcid.org/0000-0002-7415-8711>

Resumo: A partir dos resultados de pesquisas anteriores, o objetivo deste texto é compreender o papel da literatura memorialista na construção de uma narrativa histórica das elites sobre a cidade de Pouso Alegre/MG. Sendo a literatura um importante instrumento de análise da sociedade e um arcabouço documental de relevância para os pesquisadores. A partir dos avanços e debates levantados buscamos preencher importante papel científico nos estudos dos memorialistas e da literatura.

Palavras-chave: Cidade. História. Literatura. Memorialistas.

Abstract: Based on the results of previous research, the aim of this text is to understand the role of memorialist literature in the construction of a historical narrative of the elites about the city of Pouso Alegre/MG. Since literature is an important instrument for analyzing society and a documentary framework of relevance to researchers. Based on the advances and debates raised, we seek to fill an important scientific role in the studies of memorialists and literature.

Key-words: City. History. Literature. Memorialists.

Resumen: A partir de los resultados de investigaciones anteriores, el objetivo de este texto es comprender el papel de la literatura memorialista en la construcción de una narrativa histórica de las élites sobre la ciudad de Pouso Alegre/MG. Ya que la literatura es un instrumento importante para analizar la sociedad y un marco documental de relevancia para los investigadores. A partir de los avances y debates planteados, buscamos cumplir un importante papel científico en los estudios de memorialistas y literatura.

Palabras-clave: Ciudad. Historia. Literatura. Memorialistas.

* Doutorando em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), com bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).  <http://lattes.cnpq.br/1270077742510528> - E-mail: giovanasilvabalbino15@gmail.com.

Introdução

Buscamos neste artigo analisar o papel histórico das obras memorialistas no percurso da escrita da História e traçar uma perspectiva metodológica sobre os usos da literatura na História. Além disso, proporcionar um debate do papel dessa literatura na construção de uma narrativa histórica na cidade de Pouso Alegre/MG.

O que entendemos por literatura? Partindo da concepção teórica da Eagleton (2003, p. 1) podemos compreender que se trata de uma “distinção entre ‘fato’ e ‘ficção’, portanto, não aparece nos ser muito útil, e uma das razões para isto é a de que a própria distinção é muitas vezes questionável”. Importante destacar que a literatura é uma representação da mentalidade da sociedade da época, até porque não “existe uma “essência” da literatura. Qualquer fragmento de escrita pode ser lido (EAGLETON, 2003, p. 10) como um texto de literatura.

Podemos caracterizar as obras memorialistas como parte de uma literatura, como destaca Sodré (1995), sendo o seu conteúdo um componente rico de informações regionalistas. A existência de uma conexão entre a literatura e a história está presente nessas obras, portanto, pretendemos analisar, antes de apresentá-las, às seguintes indagações: qual é o papel literário para a construção da história? E da memória na sociedade pousoalegrense?

Apresentaremos a seguir, as seguintes obras de cunho memorialista que iremos trabalhar neste artigo: *História de Pouso Alegre* de Octávio Miranda Gouvêa; *Uma História Que Já Vai Longe* da Alvarina Amaral de Oliveira Toledo e *Estórias do Mandu* de Eduardo Amaral de Oliveira Toledo.

Imagem 1 - Capas das obras memorialistas



Fonte: Acervo do Museu Municipal Tuany Toledo em Pouso Alegre/MG.

Após apresentarmos as capas dos escritos memorialistas faremos uma descrição biográfica dos autores e uma breve análise dos conteúdos das obras:

Octávio Miranda Gouvêa foi um odontologista e memorialista local, foi membro da Academia Pousoalegrense de Letras. Sua obra tem um peso historiográfico e buscou narrar os principais acontecimentos na história de Pouso Alegre/MG, focando nos “fatos” políticos e econômicos na sociedade local. A obra foi dividida em três grandes partes: (i) *Pouso Alegre Histórico*; (ii) *Pouso Alegre do Passado* e (iii) *Vultos da História de Pouso Alegre*.

Alvarina Amaral de Oliveira Toledo foi uma importante memorialista local e também ocupou uma cadeira de destaque na Academia pousoalegrense de Letras. Neta do Senador Eduardo Amaral, político destacado no âmbito regional, exerceu a função como professora em escola pública. A obra em si, está dividida em 27 partes, a autora promove uma narrativa histórica das suas memórias e dos acontecimentos da cidade de Pouso Alegre/MG, sendo assim, descreve suas memórias que marcaram a sua vida e é um ponto de destaque para o nosso presente estudo.

Eduardo Amaral de Oliveira Toledo é filho do Desembargador Geraldo Toledo e da memorialista Alvarina Amaral de Oliveira Toledo. Formado em Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi Fiscal de Rendas no Rio de Janeiro. A narrativa do livro está dividida em várias partes, o livro é composto de “estórias” locais e regionais. No início da obra o discurso de como foi a criação de Pouso Alegre/MG e destaca o papel das autoridades políticas e religiosas para o desenvolvimento da cidade.

A partir deste breve relato biográfico analisaremos alguns trechos das narrativas e focaremos nas questões políticas, sociais e econômicas. Na próxima seção, aprofundaremos na concepção teórica e nas análises do material literário.

A construção da História?

Começamos esta seção com uma pergunta instigante: as narrativas memorialistas contribuem para a construção da História? Aparentemente essas obras incorporam em seu imaginário o papel de narrar os fatos. Partindo deste princípio, as relações entre a Literatura e Memória estão presentes nas narrativas memorialistas, para aprofundarmos nessa conceituação partiremos nos estudos literários de Sevcenko (2003).

Outro importante fundamento é a questão da memória nas narrativas memorialistas, sendo assim, essencial questionarmos sobre os usos dessa categoria e para isso seguiremos as orientações

teóricas de Jacques Le Goff (2013) e Michael Pollak (1989).

Importante ressaltar que as narrativas analisadas e os autores, são sujeitos sociais construídos historicamente e influenciados pelo meio social, político e cultural em que estão inseridos. O uso da literatura na construção das narrativas e também da memória percorre no diâmetro das características locais e culturais da sociedade, valorizando os princípios éticos e morais de uma determinada época e região.

A literatura memorialista tem como característica de possuir um perfil muito singular, assim podemos dizer que está assentada nos aspectos históricos, políticos, culturais e sociais, sendo esse um tripé bastante regionalista. Partindo dessa concepção, segundo Sevcenko (2003, p. 287): a “literatura encampada por homens de ação, com predisposição para a liderança e a gerência político-social: engenheiros, militares, médicos, políticos, diplomatas, publicistas”.

A interlocução entre a literatura e a história é o ponto que precisamos identificar nos escritos memorialistas. Esses materiais foram elaborados para perpetuar a história e a memória oficial de um povo, isto é, das classes dominantes.

Se literatura e história contribuem para a formação da nação – ou melhor, para a construção de seus símbolos –, a nação não ganha existência somente a partir delas, ou seja, não nos parece adequado que a produção literária sobre o Brasil seja lida privilegiadamente na chave de formação da nação ou de uma crescente consciência da nação sobre si mesma (CAMIOTTI; NAXARA, 2009, p. 48).

As obras memorialistas buscam trazer os elementos históricos em forma literária. Não discutindo as complexidades e as contradições existentes na sociedade, como os memorialistas na cidade de Pouso Alegre. Ao narrar minuciosamente a história de fundação da cidade, os “heróis” e dos políticos importantes, a maioria das obras enaltecem a importância da Igreja Católica para o desenvolvimento local.

Os narradores são membros das elites e conseqüentemente das “classes dominantes”, primeiramente. Mas o que entendemos por elites? É um termo complexo e exige uma compreensão contextualizada do período histórico.

A “noção de elite, pouco clara e seguidamente criticada por sua imprecisão, diz respeito acima de tudo à percepção social que os diferentes atores têm acerca das condições desiguais dadas aos indivíduos no desempenho de seus papéis sociais e políticos” (HEINZ, 2006, p. 7). Os novos estudos, a partir da história social e da história cultural demonstraram novas dinâmicas, novos métodos e novas problemáticas em relação aos estudos das elites, como destaca Charle (2006).

A existência de outras elites no cenário social reforça que elas “se definem não só pelo seu poder e pela sua influência intrínsecas, como também pela própria imagem, que o espelho social

reflete” (SIRINELLI, 1998, p. 262). As elites são uma construção histórica e fruto do seu tempo, também é uma imagem lapidada em sintonia com as condições desiguais que estão presentes no cenário brasileiro desde dos tempos coloniais (CHARLE, 2003).

As elites culturais e intelectuais são personagens importantes na manutenção do poder das classes dominantes, portanto, estudá-la simboliza um “estudo da ação do Estado no domínio cultural” (SIRINELLI, 1998, p. 273). Sendo um mecanismo simbólico de dominação, as elites culturais que estão em constante conexão com os demais atores sociais, provavelmente, tentaremos compreender essa dinâmica em relação aos diferentes estratos sociais.

A literatura utilizada pelos memorialistas locais incorpora o regionalismo e a “memória oficial”, por outro lado, “essa memória é uma memória dominada por essência, os letrados sabem manejar o verbo e, por conseguinte, compor a sua própria história” (SEVCENKO, 2003, p. 279), a composição ou a escrita de uma história são uma das características fundamentais dos memorialistas pousos aлегrensenses.

O campo literário em si, é um campo de disputa por espaço e por consequência de destaque pelos representantes das elites culturais e intelectuais. Segundo Charle (2003, p. 145), a literatura “atingiu um nível tão importante que não se trata mais como outrora de etapas em uma carreira”. Até porque os memorialistas e os editores dos periódicos cumprem um papel fundamental, no que tange a própria essência de propagar por meio das letras os pensamentos de sua estratificação social. As “elites culturais se definem especialmente pelo seu poder de influência, isto é, de ressonância e de ampliação, seria também necessário poder avaliar essa influência nas ‘tomadas de decisão’ em matéria cultural” (SIRINELLI, 1998, p. 274).

As bases sociais e culturais dos autores já se encontram construídas historicamente, mas compreender a literatura e seus “significados muito peculiares” (SEVCENKO, 2003, p. 29), possibilita uma compreensão das dinâmicas sociais, políticas, econômicas e culturais de sua época. Até porque os “fenômenos históricos se reproduziram no campo das letras, insinuando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear e exprimir” (SEVCENKO, 2003, p. 286), pois a literatura se preocupou com as questões políticas, religiosas, sociais e culturais de sua localidade.

Um detalhe importante é a questão da memória nas narrativas memorialistas e partiremos com as orientações de Le Goff (2013), trata-se de uma construção simbólica de uma nação é incorporada na relevância da memória no papel individual e coletivo. Os memorialistas incorporam em seu discurso, uma concepção de história e um jeito próprio de narrar, seja os fatos ou acontecimentos que ocorreram na sociedade. Esses discursos possibilitam compreender as várias

noções de memória, pois entendemos que “a memória entra em disputa” (POLLAK, 1989, p. 4).

Como o nosso objetivo se trata de analisar os aspectos da memória “oficial” em constante dominação ideológica por parte das elites locais, os discursos da literatura memorialista pressupõe que a “memória faz parte do jogo do poder, se autoriza manipulações conscientes ou inconscientes, se obedece aos interesses individuais ou coletivos, a história, como todas as ciências, tem como norma a verdade” (LE GOFF, 2013, p. 35).

Os símbolos e as representações políticas construídas em compasso com a Literatura e Memória foram componentes relevantes e que estão em constante disputa. Ao analisarmos a memória oficial ou a memória em si, os “fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil” (POLLAK, 1989, p. 5).

Na próxima seção buscaremos aprofundar as narrativas dos memorialistas que exploram o sentimento da história local, buscando compreender o papel literário para a construção da memória na sociedade pousoalegrense.

As narrativas memorialistas

É necessário aprofundar nossas análises dos impactos da literatura memorialista na construção da narrativa histórica e da memória na sociedade pousoalegrense, além disso, ressaltamos a importância dessa indagação inicial: qual é o papel literário para a construção da memória na sociedade pousoalegrense?

Das narrativas analisadas se encontram presentes nas seguintes obras memorialistas: *História de Pouso Alegre* de Octávio Miranda Gouvêa; *Uma História Que Já Vai Longe* de Alvarina Amaral de Oliveira Toledo e *Estórias do Mandu* de Eduardo Amaral de Oliveira Toledo.

O trecho a seguir é de um dos memorialistas que pretendemos analisar. Repare nos trechos que grifamos, também ressaltamos a exaltação política e religiosa presente na narrativa, outro detalhe importante é o papel da Igreja Católica na construção de uma memória local: “Um fato de fundamental importância para o **progresso de Pouso Alegre e desenvolvimento de toda a região sul-mineira** foi, sem dúvida, **a criação da Diocese** de Pouso Alegre” (GOUVÊA, 1998, p. 75, grifos nossos).

O que chama atenção nos memorialistas é a narrativa de exaltação dos personagens políticos e religiosos, conforme aprofundamos no trecho anterior, o papel dado a criação da Diocese assume

como ator principal do progresso que estava em andamento na sociedade pousoalegrense, sendo assim, as elites eclesiásticas assumem um papel relevante na memória oficial.

O papel cultural e social exercido pela Diocese é um destaque regional, Balbino (2020) explora em sua pesquisa as relações institucionais do alto clero com os representantes das oligarquias locais e estaduais. Nos trechos que analisaremos a seguir é bastante representativo essa situação, pois exploram a religião, política e caridade.

As narrativas se tratam dos memorialistas Eduardo Amaral de Oliveira Toledo e de Octávio Miranda Gouvêa, atente-se para as partes grifadas:

Em 14 de outubro do mesmo ano, esse instituto, com o nome de Escola Profissional Delfim Moreira, inaugurou as suas oficinas de tipografia, e a sapataria, em prédio próprio, **doado pelo senador Eduardo Amaral**, e respectivo terreno de cerca de um alqueire, sendo lançada no mesmo dia a pedra fundamental do aumento do prédio (GOUVÊA, 1998, p. 181, grifo nosso).

Com o apoio da **comunidade católica pouso-alegrense**, a semente foi plantada; porém, para que ela brotasse, eram necessários, em primeiro lugar, terreno para abrigá-la e, em segundo lugar, os recursos financeiros para construí-la. Como arranjá-los?

Foi um desafio que D. Otávio resolveu topar!

E saiu à luta, indo de pronto à casa de seu amigo, Senador Eduardo Amaral, para traçarem o plano de ação. O Senador, recentemente elevado, por eleições diretas, ao posto de Vice-Presidente de Minas, ouviu as ponderações de D. Otávio e, como bom católico e desprovido de qualquer apego ao seu pequeno patrimônio, aos seus bens particulares, doou, sem nenhuma cláusula ou interesse, toda a área de terreno e prédio que acabara de adquirir, para instalação da Escola, no mesmo local onde hoje está a Escola Profissional.

Foi um momento de grande emoção para D. Otávio, que viu sua semente brotando pelo gesto nobre e desprendido do velho amigo, que apenas visava ao bem das pessoas carentes de sua terra natal, oferecendo ainda o seu apoio de cidadão e chefe político.

O desprendimento do Senador provocou um rebuliço na cidade, gerando inúmeras outras doações, pois a maior dificuldade foi transposta. Daí, além de muitas doações menores, D. Otávio recebeu também as seguintes outras: 10 mil contos do Governo Federal, por intermédio do Deputado Federal Josino Araújo, ilustre pouso-alegrense; 2500 contos do Governo Estadual; 600 contos da Câmara Municipal; do Dr. Cícero Rosa, assistência médica gratuita; do Padre Mendonça, o pagamento da metade do mobiliário; do Cônego Antonio Dutra, um trolley para transporte; do Padre Ataliba de Mello, dois burros de carga; e várias outras doações, assegurando que D. Otávio, em seu sonho e seu trabalho, estava recompensado pela semente que fizera germinar!!! (TOLEDO, E, 1998, p. p. 99 – 100, grifos nossos).

As narrativas enaltecem o papel do Senador Eduardo Amaral como articulador do projeto da Igreja Católica, também exploram o papel do Bispo Diocesano D. Octávio Chagas de Miranda na efetivação da Escola Profissional Delfim Moreira. Existe um ponto necessário de ser problematizado, qual é o papel do discurso “enaltecedor”? Estaria o memorialista construindo uma memória “oficial” dos eventos ocorridos? Ou uma outra versão da história?

São perguntas que não pretendemos abordar, mas sim deixar pistas. A necessidade desse texto é buscar compreender o papel da literatura memorialista no âmbito da história e da memória de Pouso Alegre e da região sul-mineira.

As obras também abordaram o processo de escolarização das diferentes classes sociais na sociedade local, algo destacado em nossas pesquisas (BALBINO, 2016; 2020). O Colégio São José e o Grupo Escolar Monsenhor José Paulino eram vistos como referências no segmento das elites, além da Faculdade de Farmácia e Odontologia. A formação de médicos, advogados e outras profissões liberais eram a base da formação dos dirigentes políticos, porque naquele período havia uma “importância dos títulos universitários na política brasileira antecede a República” (LOVE; BARICKMAN, 2006, p. 81).

Para as classes “desfavorecidas”, as narrativas se concentraram na fundação da Escola Profissional Delfim Moreira vista como a principal instituição que buscava ensinar ofícios aos meninos pobres e órfãos. Os fragmentos tratam das narrativas dos memorialistas Eduardo Amaral de Oliveira Toledo e de Octávio Miranda Gouvêa:

Em 1917, Pouso Alegre era uma das importantes cidades do interior de Minas Gerais. Nela pulsavam fortes, na educação, o **‘Grupo Escolar Monsenhor José Paulino (a coqueluche da região) ao lado do Colégio São José (o melhor do Sul de Minas e com projeção nacional);** o Teatro Municipal (ponto de encontro das grandes companhias teatrais, com passagem no eixo Rio – São Paulo – Belo Horizonte); o 10º Regimento de Artilharia Montada, sob o comando do Cel. Pradel, que se instalava na cidade; a Faculdade de Farmácia e Odontologia, que agitava a juventude sul-mineira. Pouso Alegre e sua gente viviam um clima de absoluta prosperidade (TOLEDO, E, 1998, p. 99, grifos nossos).

Dando início a **uma série de realizações de grande alcance social**, dom Octavio fundou em 1917 uma escola profissional para meninos pobres, a princípio anexa ao Ginásio Diocesano (GOUVÊA, 1998, p. 181, grifos nossos).

Já nos trechos seguintes, a Escola Profissional Delfim Moreira é vista como uma instituição respaldada na construção de sujeitos sociais pautados no “projeto” de sociedade da Igreja Católica e na valorização do trabalho. A educação é vista como redentora de virtudes e o trabalho como princípio de dignidade cristã. O sentido do trabalho e educação para a literatura memorialista é relacionado com a dignidade na moral religiosa, essas abordagens aparecem nas três obras memorialísticas.

Criada esta casa de **educação e trabalho**, ela se desenvolveu com a construção de novos pavilhões e **implantação de várias oficinas, como carpintaria e marcenaria, alfaiataria, oficina de artes**, além de uma seção de agrícola, contando dom Octávio com a colaboração e os trabalhos inestimáveis de vários diretores que se sucederam na sua administração (GOUVÊA, 1998, p. 182, grifos nossos).

Assim, com muita luta e determinação nasceu a **Escola Profissional chamada de escola benemérita**, uma vez que se dedicaria à educação de meninos pobres, que deveriam se profissionalizar em carpintaria, marcenaria, sapataria, imprensa, lavoura, **o que lhes garantiria um sustento digno** (TOLEDO, A, 1997, p. 78, grifos nossos).

A história da Escola Profissional de Pouso Alegre tem muitas etapas. É uma história magnífica, **feita de crença, amor, trabalho e perseverança** (TOLEDO, E, 1998, p. 99,

grifos nossos).

Os memorialistas narram a história através de suas visões e vivências, mas possuem semelhanças narrativas em sua essência. Em outro trecho presente na obra de Alvarina Amaral de Oliveira Toledo, pois a autora relata as relações políticas e religiosas no processo de efetivação da Escola Profissional Delfim Moreira. Observe-se que as informações dão em conta a existência de um debate acerca do nome da instituição, a história local e regional está assentada muito no diálogo do Estado e Igreja Católica ao longo do século XIX e XX:

No dia 4 de agosto de 1919, com a presença do **Exmo. Sr. Dom Joaquim Mamede da Silva Leite, do Revmo. Sr. Bispo Diocesano, Dom Otávio Chagas de Miranda, do Senador Eduardo Amaral e demais autoridades**, foi inaugurado solenemente o novo edifício da Escola Profissional a que, por decisão do Bispo, foi dado **o nome de Delfim Moreira, então Presidente da República** (TOLEDO, A, 1997, p. 79, grifos nossos).

As questões políticas, econômicas e sociais, além das ações culturais são narradas pelos memorialistas de forma geral, até porque os relatos possuem uma “dimensão histórica presente em cada um desses textos é tão peculiar e elas são tão adversas entre si, que o seu confronto suscita a inferência do grau complexo de transformações estruturais que levam de um ao outro” (SEVCENKO, 2003, p. 291).

As narrativas apresentadas favorecem os estudos dessas fontes históricas, não só na pesquisa científica, mas também podemos pensar em sua utilização na sala de aula buscando dialogar com os discentes o papel da literatura em nossa sociedade. Segundo Pollak (1989, p. 12): “Quando elas se integram bem na memória nacional dominante, sua coexistência não coloca problemas”, pois é nessas bases que ocorre a escrita de uma história em constante movimento com a literatura e a memória.

A memória, como podemos ter observado, consiste numa disputa de classes sociais pela hegemonia da narrativa, claro, que os memorialistas apresentados neste ensaio são pertencentes à uma classe social em Pouso Alegre. Um detalhe que precisa ser interrogado para o futuro, quais os motivos dos memorialistas narrarem a sua própria versão dos fatos? Estariam os memorialistas construindo uma outra visão da história?

A história, assim como outras ciências, está sempre em disputa.

Interrogações para o futuro?

O grande objetivo deste texto é possibilitar novas interrogações para os estudos da literatura memorialista em si, portanto, buscaremos nesta seção explorar novos conceitos que podemos incorporar em nossas análises. O regionalismo é uma marca presente nas obras memorialistas, sem

dúvida, precisamos interrogar essa prática no que tange aos escritores.

Uma problemática que poderíamos propor é um estudo da prosopografia em relação aos escritores memorialistas. Pegamos como exemplo, a única mulher dos autores apresentados: Alvarina Amaral de Oliveira Toledo, em sua obra a narrativa está concentrada nos aspectos de suas lembranças na sociedade pousoalegrense. Boa parte de suas memórias enaltecem o seu avô Senador Eduardo Amaral, forte político da oligarquia sul mineira.

A proposta de fazer uma prosopografia dos autores pautaram na construção de uma ideia das elites e dos intelectuais. Também podemos pensar na realização de um estudo biográfico de cada um dos autores, fazendo uma inserção de suas memórias com a história local. Segundo Levi (1998, p. 168): “A biografia constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia”.

O uso das diferentes formas de análises podem representar uma importante contribuição para os estudos da história local e regional, também favorece maior compreensão dos aspectos sociais, políticos e econômicos da sociedade.

Pensamos neste texto como uma oportunidade de fazermos uma discussão teórica e de algumas ideias que podem agregar na pesquisa. A compreensão teórica e analítica sobre as elites e dos intelectuais na sociedade pousoalegrense, mas buscamos compreender a partir dos memorialistas, a construção da “memória oficial” ou de uma nova narrativa de história diferente e da História local e regional.

Considerações finais

A pesquisa apresentada buscou compreender o papel da literatura memorialista na construção da história local e regional da cidade de Pouso Alegre. Compreendemos como o fator regional e da formação das elites impactam na construção histórica e das narrativas.

Desde os estudos realizados na graduação (BALBINO, 2016), as narrativas memorialistas estiveram presentes em nosso amadurecimento científico e acadêmico. Na pesquisa de mestrado (BALBINO, 2020), compreendemos como os memorialistas narram suas memórias em torno das relações entre Estado e Igreja Católica nas instituições educacionais. Compreender o papel das narrativas memorialistas é interpretar uma sociedade em desenvolvimento naquele período.

A pesquisa buscou contribuir para os estudos da história local e regional, também favorecendo maior compreensão dos aspectos sociais, políticos e econômicos da sociedade.

Referências

BALBINO, Giovane Silva. **Instituições de Caridade, Ensino e Profissionalizante em Pouso Alegre - MG (1905 – 1940)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Pouso Alegre: Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS, 2016.

BALBINO, Giovane Silva. **A Igreja Católica e o Estado na educação profissional em Pouso Alegre - MG (1917-1947)**. Dissertação (Mestrado em Educação), Campinas: Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, 2020.

CAMILOTTI, Virgínia; NAXARA, Márcia Regina C. História e Literatura: Fontes Literárias na produção historiográfica recente no Brasil. **História: Questões & Debates**, n. 50, 2009, p. 15-49.

CHARLE, Christophe. Como anda a história social das elites e da burguesia? Tentativa de balanço crítico da historiografia contemporânea. In: HEINZ, Flávio M (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CHARLE, Christophe. Nascimento dos intelectuais contemporâneos (1860-1898). **História da Educação**, n. 14, 2003, p. 141-156.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Martins Fontes: São Paulo, 2003.

GOUVÊA, Octávio Miranda. **A História de Pouso Alegre**. Borda da Mata – MG: Art's Gráficas e Editora Imagem, 1998.

HEINZ, Flávio M. O historiador e as elites – à guisa de introdução. In: HEINZ, Flávio M (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. 2ª. Ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 7ª Ed. Revista - Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LOVE, Joseph L.; BARICKMAN, Bert J. **Elites regionais**. In: HEINZ, Flávio M (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 1, 1989, p. 3-15.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ª Ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira**. 9ª Ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

TOLEDO, Alvarina Amaral de Oliveira. **Uma História Que Já Vai Longe**. Niterói: Gráfica Falcão, 1997.

TOLEDO, Eduardo Amaral de Oliveira. **Estórias do Mandu**. Pouso Alegre: Editora Gratcenter,

1998.

Recebido em: 26 de junho de 2022.

Aprovado em: 15 de agosto de 2022.